

EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i31p6-8>

Ana Paula Pacheco^I

Anderson Gonçalves^{II}

Maria Augusta Fonseca^{III}

A **Jornada de Literatura e Cinema** “*Hiroshima mon amour*”: poética, ética, história e subjetividade, ocorrida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, com apoio do Consulado Geral da França, e que foi organizada pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, em parceria com o Departamento de Línguas Modernas (francês), deu ensejo a esta publicação da revista *Literatura e Sociedade*, número 31.

No corpo dos ensaios, celebrando 60 anos desse filme de Alain Resnais, roteirizado por Marguerite Duras, os estudos publicados estão voltados para as relações entre literatura e cinema. Essa seção axial contém uma “Apresentação” da professora Cleusa Rios Pinheiro Passos, uma das organizadoras do evento, realizado juntamente com os professores Maria Cristina Vianna Kuntz e Maurício Ayer. Seguem-se, em “Ensaio”, as transcrições dos temas problematizados e debatidos nas apresentações na referida “Jornada”. São eles: “Aspectos poéticos em *Hiroshima mon amour* de Marguerite Duras”, trazendo a abordagem de Maria Cristina V. Kuntz, que coloca o tema apoiada em reflexões de Umberto Eco e Paul Ricoeur, por exemplo, para iluminar dimensões poéticas de Duras. “O testemunho da catástrofe em *Hiroshima mon amour*”, em que Laura Degaspere Monte Mascaro põe em discussão a literatura de teor documental. Temos também “*Hiroshima mon amour*, de Marguerite Duras, e o ‘resíduo sublimado’”: celebração dos 60 anos e ressonâncias no contemporâneo, de Maria Luiza Berwanger da Silva, em que se focaliza a questão da memória captada por vários ângulos pela autora. Sobre a literatura engajada, com denúncias envolvendo guerra, amor, morte, miséria, Julia Simone Ferreira apresenta “Nevers e *Hiroshima mon amour*”: como suportar tamanha dor?. Em outro encaminhamento, Maurício Ayer traz “Reverberações de *Hiroshima mon amour* em Marguerite Duras”: a (geo) política a partir do corpo, acrescentando elementos que também dialogam com a obra de Duras. Com

^I Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

^{II} Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

^{III} Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

“O que se diz do que (não) se viu? *Hiroshima mon amour*”, Celina Maria Moreira Mello trata da potência criativa, imagens fílmicas e texto literário. Assinado por Alessandra Brum, temos “Panorama da recepção crítica de *Hiroshima mon amour* no Brasil”, discutindo esse primeiro longa-metragem de Alain Resnais e o impacto entre especialistas. Finaliza esta seção “Glauber Rocha e *Hiroshima mon amour*”: notas sobre um amor eclipsado, de Mateus Araújo, colocando em releitura a recepção crítica do cineasta Glauber Rocha.

Na seção “Traduções”, o destaque é dado para dois importantes textos, o primeiro, “A história literária e a sociologia”, palestra de 1904 de Gustave Lanson, que tem tradução de Yuri Cerqueira dos Anjos. O segundo traz um raro e importante estudo do formalista e crítico russo Iúri Tyniánov, denominado “Fato literário” (1924), traduzido por David Gomiero Molina. As duas traduções são inéditas em português.

Nosso agradecimento, ainda, à Cíntia Eto, monitora da revista *Literatura e Sociedade*, que se empenhou na publicação deste número.

Comissão Editorial

Ana Paula Pacheco é professora doutora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde coordena o projeto de pesquisa “Corpo e trabalho na cultura brasileira contemporânea (literatura e cinema)”. É autora dos livros *Lugar do mito – narrativa e processo social nas Primeiras estórias* de Guimarães Rosa (2006), *A casa deles* (contos, 2009) e *Ponha-se no seu lugar!* (novela, 2020), além de vários ensaios. Entre eles: “O fogo de palha de 68”: o ponto de vista da montagem em *No intenso agora*, de João Moreira Salles, na revista *Significação* (2020), “O intelectual de classe média”, no livro *Antonio Candido 100 anos* (2018), “Grande sertão a partir de ‘A terceira margem do rio’”, no livro *Infinitamente Rosa: 60 anos de Corpo de Baile e de Grande sertão: veredas* (2018), “Os incomodados que se mudem”: a subjetividade contemporânea de *Os inquilinos*, de Sérgio Bianchi, na revista *Novos estudos – Cebrap* (2017), “Iracema-74”: cinema, malandragem, capitalismo, na revista *Nova síntese* (Portugal, 2017), “Jagunços e homens livres pobres”: o lugar do mito no *Grande Sertão*, na revista *Novos estudos – Cebrap* (2008). Contato: anapaulapacheco@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6650-8622>

Anderson Gonçalves da Silva doutorou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com a tese *A imaginação e seus usos: a propósito da simbolização em Schelling* (2009). Atua como professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Traduziu *A teoria da revolução no jovem Marx*, de Michael Löwy (2012) e “A felicidade do homem antigo”, de Walter Benjamin (2001). Escreveu o capítulo “Serras da desordem, uma forma contemporânea”, do livro *Marxismo e produção simbólica: periferia e periferias* (2013). Contato: andergon@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7705-9877>

Maria Augusta Fonseca é professora livre-docente sênior do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Entre os livros publicados, estão: *Palhaço da burguesia (Serafim Ponte Grande e o universo circense)* (1979), *Oswald de Andrade. Biografia*. (1990; 2008, 2ª ed. revista e aumentada), *Por que ler Mário de Andrade*. (2013) e a tese de livre-docência: *Dois livros interessantíssimos: 1. Edição crítica (estabelecimento do texto, leitura de manuscritos, notas sobre variantes, notas filológicas, glossário) de Memórias sentimentais de João Miramar e de Serafim Ponte Grande. 2. Ensaios sobre as respectivas obras* (2006), a sair em *Obra incompleta de Oswald de Andrade* (org. de Jorge Schwartz). Entre os ensaios publicados, encontram-se: “A carta pras icamiabas”, em *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* (1988; 1999, 2ª ed.), “Tai”: é e não é. *Cancioneiro Pau Brasil*, na revista *Literatura e Sociedade*, n. 7 – Modernismo (2003-2004), “Rebeldia e sementeira, aspectos da Semana de 22”, na revista *Remate de Males*, n. 33, dedicada à Semana de Arte Moderna (2013), “O aparente e o oculto”: Bento Santiago no país dos Manducas, em *A propósito da metáfora* (org. de Aldo de Lima) (2014), “Guimarães Rosa na constelação modernista brasileira”, em *Guimarães Rosa. Un exiliado del lenguaje común* (2017-2018), “Notas breves para temas longos. O universo feminino e a crítica de Antonio Candido”, em *Antonio Candido 100 anos* (org. de Maria Augusta Fonseca e Roberto Schwarz) (2018). Foi chefe do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada por dois mandatos, membro da Comissão de Graduação (FFLCH – USP) com dois mandatos concluídos, membro da Comissão de Pesquisa (FFLCH – USP) titular, por um mandato, membro do Conselho Deliberativo do Instituto de Estudos Brasileiros – USP, por dois mandatos. Foi coordenadora do Centro Universitário Maria Antonia, de 2010 a 2012. Estudiosa do Modernismo brasileiro, foi bolsista da FAPESP em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado e bolsista de pós-doutorado da Fundação VITAE por 2 anos e meio. Também, bolsista Pq-CNPq, de fevereiro 1995 (com intervalos) a fevereiro 2017. Contato: mabfonseca@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2738-9485>